

ECONOMIA E FELICIDADE: ELEMENTOS TEÓRICOS E EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS¹

ODIRLEI APARECIDO RODRIGUES*
PERY FRANCISCO ASSIS SHIKIDA***

Resumo: Este trabalho procura avaliar a relação da felicidade com o dinheiro (renda e/ou bens) na cidade de Cascavel (PR), por meio de aplicação de questionário. Como principais resultados, pode-se dizer que os três aspectos caracterizadores de felicidade apresentaram-se bem dispersos. Contudo, ao verificar os itens que mais ocorreram, nota-se que a saúde foi destaque singular, seguido de família, realização profissional/emprego, dinheiro/renda/bens, realização no amor, paz/tranquilidade, outros valores pessoais e amizade/relacionamento. Quando se considerou a agregação de realização profissional/emprego com dinheiro/renda/bens, perfazendo o item economia, este ficou atrás do item saúde, mas ultrapassou família. Um *insight* importante está no fato de a relação de felicidade com a economia ser mais dicotômica quando se considerou o nível de renda. Nesse particular, para o indivíduo possuidor de altas rendas, o dinheiro não traz felicidade; no outro extremo, em que os recursos são escassos, mais dinheiro dá uma expressiva contribuição à felicidade das pessoas.

Palavras-chave: economia, felicidade, teoria, questionários, Cascavel (PR).

Classificação JEL: D69.

¹ Recebido em 10/06/04 e liberado para publicação em 18/11/04.

Os autores são gratos aos pareceristas pelas proficuas sugestões e comentários.

* Economista pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) – Toledo. Rua da Faculdade, 645, CEP 85903-000. Toledo, PR.

** Professor adjunto do Curso de Economia e do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da Unioeste –Toledo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e Pesquisador do Gepec. E-mail: pfashiki@unioeste.br

ECONOMY AND HAPPINESS: THEORETICAL ELEMENTS AND EMPIRIC EVIDENCES

Abstract: The goal of this paper is to evaluate the relationship of happiness with money (income and/or goods) in the city of Cascavel (PR), by means of a questionnaire application. As a result, the three aspects for happiness presented a high dispersion. However, verifying the aspects that were more present, it was observed that health had singular prominence, proceeded by family, professional accomplishment/job, money/income/goods, accomplishment in the love, peace/peacefulness, other personal values and friendship/relationship. When joining professional accomplishment/job with money/income/goods – that means economy – economy was behind health, but it surpassed family. An important insight is the dubious relationship of happiness with economy when one considers the level of income. In this case, for the richest individual, money doesn't bring happiness; on the contrary, in that the resources are scarce, more money gives an expressive contribution to people's happiness.

Word-keys: economy, happiness, theory, questionnaires, Cascavel (PR).

JEL classification: D69.

1. Introdução

Este trabalho procura, por meio de um estudo de caso, avaliar a relação da felicidade com o dinheiro (renda e/ou bens) ou, mais especificamente, sobre qual posição hierárquica o dinheiro ocupa na felicidade das pessoas, recorrendo-se à aplicação de questionário na cidade de Cascavel (PR).

Ao longo da existência do ser humano muito se produziu e se falou sobre a relação entre felicidade e dinheiro (renda e/ou bens) ou sobre o dilema de até que ponto a melhoria das condições materiais trazem (mais) felicidade. No campo acadêmico da economia e felicidade – uma linha de estudo que faz parte da área denominada comportamento de mercado (*market behaviour*) – uma leitura de trabalhos que enfocam a

relação de aspectos econômicos com a felicidade (como Oswald, 1997, e Giannetti, 2002) realça algumas questões importantes, por exemplo: que posição o dinheiro ocupa na hierarquia da felicidade do indivíduo de maior nível de renda pessoal? Analogamente, qual a importância do dinheiro para quem tem menor nível de renda pessoal?

Para Pastore (2001), embora a felicidade não seja só sentimento, ela pode ser preliminarmente definida como o prazer de viver, incluindo a reflexão que cada um faz de sua própria história. Com efeito, o conceito de felicidade nasceu, segundo a filosofia clássica, na Grécia antiga, onde Tales considerava feliz aquela pessoa que possuísse o corpo forte, sadio e uma alma bem evoluída e de sucesso. Nessa concepção, os elementos que constituem a felicidade – a saúde (referência ao corpo forte e sadio), o êxito na vida e o sucesso da formação individual (referência à alma bem evoluída e de sucesso) – podem ser considerados inerentes à situação do homem no mundo e entre os outros homens (Abbagnano, 1970).

Nessa linha de pensamento e remontando ao que está citado na filosofia aristotélica, Dauch (2003) ressalta que a felicidade envolve tanto o bem-estar do corpo como da alma, pressupondo-se que as pessoas felizes devem possuir as três espécies de bens que se podem distinguir: os externos, os do corpo e os da alma. Para o psiquiatra Glauco Ulson, citado por Dauch (2003, p. 2), “é comum associar a felicidade a um sonho ou uma utopia. Isso porque ser feliz é conquistar ou realizar algo muito almejado e atingir um objetivo quase sempre idealizado”, que pode perfeitamente passar por coisas materiais (bens externos) ou não. Contudo, apesar da vida em uma sociedade muito materializada, a felicidade, normalmente, independe da situação material. Ou seja, os bens materiais não substituem o gostinho da felicidade conquistado com o amor, o carinho ou a atenção.

O número de pesquisadores que tentam medir quanto vale a felicidade, no sentido de sua relação com a economia, vem aumentando nos últimos anos, é o que se observa em *A felicidade pode ser comprada* (2003, p.1). Nesse artigo, duas constatações importantes se destacam: “o dinheiro compra a felicidade, mas ela não custa tanto quanto se pode pensar a princípio”, e “a correlação entre felicidade e renda é forte no início e diminui à medida que a renda aumenta”. Nesse aspecto, os economistas observaram que há pessoas mais felizes entre

os grupos mais ricos do que entre os mais pobres. Entretanto, essa diferença deixa de existir nos grupos com renda anual acima de US\$ 25 mil. Vale, porém, fazer menção à citação de Luquet (2002), a que o próprio artigo supracitado remete, ou seja: “*o dinheiro não traz felicidade, mas, por outro lado, a falta de dinheiro, num grau intenso, prejudica em muito a condição de as pessoas serem mais felizes*”.

Para Giannetti (2002), não há relação simples entre indicadores objetivos e subjetivos de bem-estar, porquanto o que se imaginava é que, na medida em que os indicadores objetivos melhorassem, os subjetivos o seguiriam. Contudo, pesquisas realizadas nos Estados Unidos, no Japão e em países da Europa evidenciam que esses países multiplicaram sua renda *per capita* por quatro ou cinco vezes, mas o grau de felicidade permaneceu estável, comparado até mesmo ao nível de felicidade assinalado aos anos do pós-guerra. Ademais, para esse autor, o consumo pode ser uma das armadilhas da riqueza, pois os mais ricos entram na chamada “corrida do consumo”, consumindo cada vez mais, porém, a satisfação muitas vezes fica no mesmo lugar. Numa relação analógica, trata-se do fato de os países gastarem cada vez mais em armamentos para que se sintam cada vez mais inseguros.

A discussão da economia e felicidade, a partir de elementos teóricos e evidências empíricas, é bastante polêmica. Contudo, assuntos complexos de natureza existencial relacionados com a economia podem trazer algumas luzes a respeito da condição humana e, mesmo que a iluminação tenha pouca intensidade, em um ambiente de grande escuridão, adquirem um expressivo significado. É fato, por exemplo, que uma das questões mais incômodas da vida é: dinheiro “compra” felicidade? Segundo Labarre (2003), em público, normalmente a resposta para tal questão costuma ser um enfático não; por outro lado, a falta de dinheiro ou de senso de sucesso pode, sem dúvida, causar danos reais às pessoas, pois os indivíduos são programados para conseguir algo na vida, para chegar a algum lugar – o que vai ao encontro do que disse Dauch (2003): as pessoas felizes devem possuir as três espécies de bens que se podem distinguir: os externos, os do corpo e os da alma. Contudo, respostas para essa indagação não são tão simples, mas é tema que o comportamento de mercado, na linha da economia e felicidade, pode concentrar mais esforços, e é esse o objeto maior desta pesquisa.

Nesse sentido, procura-se, por meio de um estudo de caso, avaliar a relação da felicidade com o dinheiro (renda e/ou bens), por meio da aplicação de questionário na cidade de Cascavel (PR). O presente trabalho contém cinco partes, incluindo esta introdução. É feita na segunda parte uma concisa revisão de literatura, em que se destaca a relação entre felicidade e aspectos econômicos. A seguir expõem-se os procedimentos metodológicos deste estudo, que se baseia, especialmente, na busca de informações primárias. Na quarta parte são tabulados e analisados os principais resultados derivados da aplicação do questionário. As considerações finais resumizam o presente trabalho.

2. Revisão de literatura

A palavra economia tem origem no termo grego *oikonomique*, concebido por Aristóteles para denominar a faculdade, ciência ou virtude do uso adequado dos bens necessários a uma vida moralmente boa e feliz. Essa originária concepção indicava que a ciência econômica, ligada à geração da felicidade humana, teria caráter necessariamente ético (Econômica, 2003). Logo, a relação de economia com felicidade é histórica, estando na gênese da palavra economia e de seus atributos.

Mais recentemente, a ciência econômica passou por algumas mudanças, por exemplo: as reformulações matemáticas da maioria das áreas do conhecimento específico; o keynesianismo foi afastando-se do núcleo teórico elaborado por Keynes; a política neoliberal, embora contestada em diversas situações, ganhou força com a crescente desregulamentação da economia, com as privatizações etc.; e o institucionalismo ficou fortalecido com importantes contribuições (Pinho, 2003). Não obstante, uma das novas inserções da ciência econômica voltou-se, sobretudo, para o gênero humano, e não simplesmente para a produção e o lucro econômico, pois se trata do comportamento de mercado.

O comportamento de mercado (ou *market behaviour*) tem como uma de suas referências o economista norte-americano Gary Stanley Becker, doutor pela Universidade de Chicago, ex-presidente da American Economic Association e ganhador de Prêmio Nobel de Economia em 1992. As principais contribuições do comportamento de mercado são trazer novos temas para a economia, numa abordagem

multidisciplinar, incluindo outras áreas como sociologia, psicologia e demografia. Utiliza-se a análise econômica, num tipo de abordagem microeconômica, para entender as decisões dos indivíduos em relação a suas vidas. Fazem parte desse escopo a teoria econômica do crime, suicídio, casamento e divórcio, economia e felicidade etc. A matéria economia e felicidade está associada ao estudo da relação entre bens materiais (acúmulo ou falta de) e o fato de ser/estar mais feliz (ou não).

Segundo Aragão (2002), citando o economista Bruni (1999), a economia não é a ciência da “riqueza das nações”, mas da felicidade (que pode ser pública). Oser & Blanchfeld (1989, p. 117), citando Bentham (1952), enfatizam que “*os legisladores deveriam aumentar a felicidade total da comunidade. Em vez de as pessoas servirem ao Estado, o Estado deveria servir às pessoas*”.

A definição de felicidade, no contexto do utilitarismo, é observada por Veenhoven (2003, p. 1) da seguinte forma:

“Two centuries ago Jeremy Bentham (1789) proposed a new moral principle. He wrote that the goodness of an action should not be judged by the decency of its intentions, but by the utility of its consequences. Bentham conceived final ‘utility’ as human ‘happiness’. Hence he concluded that we should aim at the ‘greatest happiness for the greatest number’. Bentham defined happiness in terms of psychological experience, as ‘the sum of pleasures and pains’. This philosophy is known as ‘Utilitarianism’, because of its emphasis on the utility of behavioral consequences. ‘Happyism’ would have been a better name, since this utility is seen as contribution to happiness”.

Para Nunes (2003), referindo-se à escola fisiocrata, o homem, na ordem natural das coisas (ordem resultante das leis constitutivas das sociedades), é um ser que busca o prazer e a felicidade, porquanto na busca do seu “interesse próprio e direto”, e na busca da felicidade, os homens atuam de modo a conservar sua liberdade e, por conseguinte, seus direitos de propriedade, em toda a extensão natural e primitiva. Cada um, sem outro interesse que não seja variar e multiplicar suas riquezas, constitui um meio de ver nascer a maior abundância possível de produções.

Não se encontra uma relação explícita entre economia e felicidade nos principais pensadores da economia, até porque esse assunto não foi objeto de pesquisa destes. Mas algumas inferências podem ser deduzidas a partir de uma revisita a alguns autores clássicos da economia. É o caso de Smith (1996), que diz que um homem é rico ou pobre de acordo com o grau em que possa desfrutar de tudo o que é necessário, útil e agradável à vida humana e ser feliz perpassa por esse desfrute. No sentido macroeconômico, Smith (1996) aceitava que mais riqueza ou o aumento constante de rendimento coletivo de um país conduziria ao maior bem-estar e a uma sociedade mais feliz. Para Marx (1996), o capitalismo é incompatível com o equilíbrio econômico, e o comunismo aparece como resultado final da luta entre as classes detentoras de capital e as não detentoras, expressando o ideal de uma sociedade na qual as pessoas cooperariam voluntariamente com a completa socialização dos meios de produção. Nesse contexto, no capitalismo uns seriam, teoricamente, mais felizes (os detentores do capital, apropriadores de mais-valia) e os outros mais infelizes (os vendedores da força de trabalho). Pelo fato de os bens serem distribuídos de modo igualitário e de acordo com as necessidades, o bem-estar geral e, por dedução, a felicidade cresceriam mais no comunismo. No cerne da obra *Ciclos econômicos*, Schumpeter (1997) relaciona os períodos de prosperidade (e de um ambiente relativamente mais feliz) ao fato de que o empreendedor inovador, ao ter sancionado sua inovação pelo mercado, provoca uma onda de investimentos que ativa a economia, propiciando prosperidade e aumento do nível de emprego. Porém, em outro momento, *a posteriori* de mais infelicidades, as inovações introduzidas são absorvidas pelo mercado e seu consumo se generaliza, a taxa de crescimento da economia diminui e tem início uma fase de recessão com a queda de investimentos e a baixa da oferta de emprego.

Em Giannetti (2002, p. 68-69) encontra-se uma revisão de alguns economistas clássicos em que se observa a relação de economia e felicidade:

“Assim como a saúde está para a medicina (...), a felicidade pública seria o objetivo maior frente ao qual toda a maquinaria do processo político, social e econômico constituiria tão-somente um meio adequado e ao qual estaria subordinada. O

economista Irving Fisher (...) é claríssimo sobre isso. Toda atividade produtiva, ele argumentou, e ‘todas as transações monetárias que dela decorrem derivam a importância que possuem somente na condição de preliminares úteis e necessárias da renda psíquica – da satisfação humana (...)’. De Petty e Turgot, no século XVIII, a Keynes, Friedman e Samuelson, poucos economistas dignos de nota discordariam”.

Apenas mais recentemente a questão da relação da economia com a felicidade foi tratada como escopo maior por alguns pesquisadores. Sabetan (2003), em trabalho intitulado *O conceito de prosperidade*, questiona, por exemplo, se algum rendimento acumulado traz felicidade e prosperidade ou será que se pode definir a prosperidade de uma população quanto à riqueza por ela acumulada? Ou será que a busca da felicidade e a da riqueza se ajustam aos mesmos conceitos? E, ainda, pode a riqueza ser nada mais que um meio de alcançar felicidade?

“Resultados de uma experiência demonstram que no nível individual a felicidade maior está intimamente relacionada a um rendimento mais elevado. Os fatores que contribuem para a felicidade, considerados em ordem de importância, foram a economia, a saúde, a família, os valores pessoais e a condição do mundo, valores sociais e assuntos políticos. Os conceitos de felicidade usados nesta pesquisa eram totalmente subjetivos e se perguntou aos entrevistados o que para eles significava a felicidade. A resposta foi descrita em termos instrumentais, o que quer dizer que mais dinheiro significa mais bens, o que significa que dispomos de mais benefícios materiais para a vida. Os entrevistados não identificaram a riqueza com felicidade e prosperidade em geral. Ao fazer tal generalização seria supor que nenhum rico poderia ser infeliz e nenhuma pessoa pobre poderia experimentar alguma felicidade. No nível de conjunto, entretanto, o relacionamento entre riqueza e prosperidade não é tão pronunciado como no nível individual” (Sabetan, 2003, p. 1).

Mas o que vem a ser felicidade? Felicidade, no sentido lexicológico, deriva do latim *felicitate*, que significa qualidade ou estado de ser feliz, relaciona-se também com êxito, sucesso, boa fortuna etc. Neste último aspecto, o próprio dicionário faz menção à relação de felicidade com a economia.

Nesse contexto, distintas referências fazem referência ao que vem a ser feliz. Segundo Shinyashiki (1998), ser feliz é buscar constantemente a realização pessoal, profissional e tantas outras, é acreditar que somos eficientes e capazes. Em Giannetti (2002, p. 68), “*a felicidade sempre foi e continua sendo um grande fim, se não a finalidade suprema, em nome da qual se justificam escolhas na vida pública e privada*”. No que tange a filosofia religiosa, por exemplo, para os cristãos a felicidade está no passado ou no futuro, nunca no presente; sem a fé, a razão não leva ao caminho da bem-aventurança. Para os budistas, viver é sofrer, o homem está preso à lei de causa e efeito. Para alcançar a felicidade é preciso renunciar ao ego e à ânsia pelas coisas do mundo. Contrapondo-se à visão religiosa, para os economistas liberais a auto-realização humana se resolve na economia de mercado. Cada um deve buscar a satisfação de todos os seus apetites e, dessa forma, estará automaticamente em busca da felicidade dos demais.

Embora se constatem várias definições sobre ser feliz e felicidade, este é um dos temas mais importantes de toda a história da humanidade. Nesse aspecto, “*ninguém ousou dizer ser o dono da verdade sobre esta definição, pois mesmo os grandes gênios sabiam da dificuldade de se definir a natureza do termo*” (O segredo da felicidade, 2003).

Frank (1997), citado por Pastore (2001), ressalta que a renda “compra” felicidade no estado de privação, mas, a partir de certo ponto, sua capacidade de compra diminui. E isso Pastore realça, a partir de citação à pesquisa Ibope/CNI (2001), em que: para 32% dos pobres, cuja renda familiar é menos de R\$ 180,00/mês, poder comprar o que a família precisa deixa essas pessoas nitidamente mais felizes; por outro lado, numa faixa de renda familiar mais alta (R\$ 1.800,00/mês), poder comprar o que a família precisa deixa somente 17% das pessoas mais felizes.

Na visão de Pastore (2001), embora a felicidade esteja intimamente ligada à qualidade das relações do indivíduo com seus familiares, amigos e comunidade, há, sim, uma relação entre renda e felicidade. Estudos de psicólogos e sociólogos mostram, por exemplo, que a relação entre renda e felicidade é curvilínea e as relações sociais pesam muito. Outrossim, em citação ao trabalho de Oswald (1997), intitulado *Happiness and economic performance* (1997), Pastore (2001) ressalta que em um país rico, onde a renda é alta e os laços sociais e familiares são fracos, o dinheiro perde o poder de fazer as

pessoas felizes (entre os ricos, com freqüência, os problemas familiares estão no centro de sua infelicidade e não podem ser atribuídos à falta de renda); num país muito pobre, onde há escassez de recursos e os laços familiares e sociais são fortes, mais dinheiro dá uma expressiva contribuição à felicidade das pessoas.

A aderência da renda à felicidade no Brasil ainda é grande, pois se trata de um país de renda baixa em cotejo com as nações do Primeiro Mundo. Mesmo assim, embora a renda possa “comprar” felicidade para um grande número de pessoas, depois de certo ponto, a renda sobe e a felicidade cai. *“Para os mais pobres até mesmo a estabilidade de poder de compra dos últimos anos tem um forte impacto na sua felicidade. Quando se chega no patamar das pessoas de maior poder aquisitivo, cuja renda familiar mensal está entre R\$ 900,00 e R\$ 1.800,00, a felicidade começa a cair”* (Pastore, 2001, p. 1).

O trabalho de Oswald (1997, p. 1) aponta outros aspectos, em nível de países, que são interessantes para a presente discussão:

“The results in this paper suggest that, in a developed nation, economic progress buys only a small amount of extra happiness. Four main pieces of evidence have been offered for this claim. 1) Reported happiness in the US has gone up only fractionally over the post-war period. 2) Reported levels of ‘satisfaction with life’ in Europe are only slightly higher than they were twenty years ago. Some countries show drops. 3) Although the rate of suicide in Britain has fallen by approximately one third over the last hundred years, the number for men has risen, in almost all Western nations, from the 1970s to the present. Rich countries seem to have high suicide rates. 4) Job satisfaction has not increased, over those parts of the last quarter of a century for which data are available, in the US and the UK. These gains in national well-being appear to be so slight that a case could be made, as by Richard Easterlin (1974), that economic growth is worthless”.

A controvérsia de que dinheiro traz mais utilidade e, conseqüentemente, mais felicidade também é analisada por Gardner & Oswald (2001), por meio de um estudo baseado em dados primários (*“a longitudinal study using data on windfalls”*). Nessa pesquisa observou-se que, embora a felicidade possa ser positivamente correlacionada com

o aumento da renda (diante, nesse caso, de sortes inesperadas, como ganhar na loteria ou receber uma herança), não há razão para acreditar que mais dinheiro traga necessariamente mais bem-estar.

Para Frey & Stutzer (1999), três aspectos influenciam consideravelmente a felicidade: personalidade e fatores demográficos (tema de real interesse dos psicólogos e demógrafos – ao mesmo tempo em que ter família/filhos significa mais responsabilidades, amiúde isso se traduz em felicidade); fatores micro e macroeconômicos (por exemplo, embora o desemprego esteja positivamente correlacionado com a infelicidade, freqüentemente o aumento das rendas *per capita*, em décadas recentes, não tem elevado o nível de felicidade geral); o terceiro jogo de influências em felicidade relaciona o ambiente institucional (ou constitucional) com as condições de uma economia e sociedade (*a priori*, um ambiente mais democrático pode propiciar melhores condições de distribuição de renda).

O fato é que a questão da felicidade é ainda aberta para os economistas. O comportamento de mercado é um campo que merece cuidados especiais por parte dos estudiosos, sobretudo em face do grande desafio de saber lidar com o dinheiro (*A felicidade pode ser comprada*, 2003).

3. Procedimento metodológico

3.1. Estudo de caso e obtenção de dados mediante a técnica de interrogação

O estudo de caso, adotado na investigação de fenômenos das mais diversas áreas, caracteriza-se pela pesquisa profunda e exaustiva de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir seu amplo conhecimento. Dada sua flexibilidade, ele é recomendável nos períodos iniciais de investigação sobre temas complexos, para a construção de hipóteses ou reformulação de problemas. Muito empregado nas pesquisas exploratórias, é preferido quando as questões da pesquisa são do tipo “como” e “por quê” ou quando o foco temporal está em fenômenos contemporâneos dentro do contexto de vida real, ou ainda quando o controle que o investigador tem sobre os eventos é muito reduzido (Gil, 2000; Yin, 2001).

São várias as vantagens do uso do estudo de caso como estratégia de pesquisa. Uma delas é a possibilidade de trabalhar com uma situação concreta, e não com situações hipotéticas, dando-se ênfase à totalidade, em que o pesquisador se volta para a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo. Ademais, em virtude da flexibilidade do planejamento e pelo fato de que esse tipo de trabalho não se associa a diretrizes imutáveis, o pesquisador de um estudo de caso mantém-se atento à novas descobertas. Mesmo dispondo de um plano inicial, no decorrer do trabalho seu interesse pode despertar para outros aspectos ainda não previstos, o que muitas vezes acaba por exigir o desenvolvimento, no estudioso, da habilidade para a formação de juízos de realidade (Figueiredo & Hamburger, 1970).

Para Laville & Dionne (1999), essa vantagem (a flexibilidade) permite o aprofundamento da pesquisa bem como a adaptação de instrumentos necessários para explorar quaisquer outros elementos imprevistos. Outra vantagem está na simplicidade dos procedimentos, pois comumente os relatórios dos estudos de caso caracterizam-se pelo uso de uma linguagem mais acessível que outros relatórios.

Os argumentos mais comuns dos críticos do estudo de caso são, segundo Gil (2000) e Yin (2001): a falta de rigor (as pesquisas podem revelar uma discrepância entre a realidade operacional e a imagem que os membros/objetos analisados acreditam ter/possuir); a influência do investigador pode não ser ética (falsas evidências, visões viesadas); o fornecimento de pouquíssima base para generalizações (sendo anormal e/ou atípica a unidade escolhida para estudo de caso, a impossibilidade de generalização dos resultados obtidos com o trabalho constituirá uma limitação); e o fato de se tratar de pesquisas extensas que demandam muito tempo para ser concluídas.

Nesse sentido, para superar tais problemas, Shikida (2001, p. 44) ressalta que:

“(...) em termos de técnicas de observação é preciso reproduzir cuidadosamente um relato completo dos eventos enfocados, cobrindo as variedades de acontecimentos por meio de algum tipo de mecanismo de amostragem primitiva (observações em momentos diferentes, grupos variados da comunidade e/ou organização) e formulando hipó-

teses à medida que o trabalho evolui (deve-se, assim, evitar ver apenas as coisas que somente estão de acordo com as hipóteses implícitas ou explícitas do observador...). Em termos de análise e interpretação de dados, é importante indicar a variedade de problemas tipicamente encontrados na análise do material pesquisado e os meios pelos quais eles podem ser resolvidos”.

Em suma, esta pesquisa optou pelo estudo de caso em função do reduzido controle que o investigador tem sobre a relação economia e felicidade e também porque o foco temporal está em fenômenos contemporâneos dentro do contexto de vida real, sendo complexas demais as ligações causais em intervenções ou situações da vida real, para tratamento por meio de estratégias experimentais ou de outra natureza qualquer.

Giannetti (2002, p. 62) expõe o seguinte:

“O grande desafio para quem se propõe a analisar os determinantes da felicidade na vida e convivência humana é obter informações e dados empíricos confiáveis sobre a dimensão subjetiva do bem-estar. (...) Dado que não é possível observar e medir de fora o bem-estar subjetivo, como então saber se as pessoas estão se sentindo mais ou menos felizes com a vida que levam à medida que as condições do mundo ao seu redor se transformam? A saída encontrada foi perguntar a elas”.

Dessa forma, este trabalho configura-se como de natureza qualitativa e baseia-se, mormente, na análise das percepções dos elementos pesquisados (Campomar, 1991; Godoy, 1995). Portanto, as informações serão coletadas por intermédio de pesquisas de campo (*field study*), via técnica de interrogação, com aplicação de questionários na cidade de Cascavel (PR). Esse tipo de pesquisa, amiúde utilizada em estudo de caso, “*tem por objetivo a coleta de elementos não disponíveis, que, ordenados sistematicamente, de acordo com processos adequados, possibilitam o conhecimento de uma determinada situação, hipótese ou norma de procedimento*” (Munhoz, 1989, p. 85). Ou seja, com essa estratégia busca-se uma imagem mais completa e real dos fatos que tendem a caracterizar o problema pesquisado (Ferrari, 1982). “*O estudo*

de caso é o mais completo de todos os delineamentos, pois se vale tanto de ‘dados de gente’ quanto de ‘dados de papel’” (Gil, 2000, p. 127).

Nesse contexto metodológico de estudo de caso, e balizado por uma fundamentação teórica sobre a relação de felicidade com o dinheiro (renda e/ou bens) ou, mais especificamente, sobre qual posição o dinheiro ocupa na hierarquia da felicidade das pessoas, elaborou-se um questionário ressaltando aspectos/questões como: dados gerais do entrevistado (como sexo, idade, religião, nível de escolaridade, estado civil, se está empregado ou não, nível de renda pessoal – para permitir a caracterização geral de cada um bem como os cruzamentos posteriores de dados); se as necessidades básicas estão sendo atendidas com o atual nível de renda; quais os três maiores elementos caracterizadores de sua felicidade, em ordem de importância; questões que permitem inferir sobre a idéia de felicidade relativa; e a clássica pergunta: “você é uma pessoa feliz?”.

Efetuada a redação preliminar desse questionário, realizou-se a avaliação crítica dele por intermédio de três especialistas: dois da área de ciências econômicas e um da área da psicologia. Incorporadas as sugestões e críticas dos especialistas supracitados, foi feito um pré-teste do questionário – com elementos típicos em relação ao universo – com a finalidade de evidenciar possíveis falhas na redação desse instrumento de interrogação.

Vale salientar que o contato direto do pesquisador com seu objeto de estudo (foi este que efetuou o pré-teste do questionário) possibilitou explorar ao máximo a temática pesquisada, de modo a obter não só os dados inerentes à aplicação do questionário mas também o *feeling* do entrevistado, muitas vezes não captado num processo de simples de pesquisa dessa natureza.

Após todo esse processo, chegou-se a um modelo de questionário que objetiva, a partir do relato verbal do sujeito pesquisado, avaliar a relação de felicidade com o dinheiro (renda e/ou bens).

3.2. Caracterização geral de Cascavel (PR) e da amostragem

Segundo a Prefeitura de Cascavel (2003), o município localiza-se na mesorregião oeste do Paraná (na região Sul do Brasil), que con-

tém 51 municípios e é responsável por um terço das safras agrícolas do estado. Sua área é de 2.061,06 km, com população de aproximadamente 250.000 habitantes. A cidade comporta um dos principais entroncamentos rodoferroviários do Paraná, formado por rodovias federais (BR 277, 369 e 467) e estaduais que ligam regiões brasileiras ao extremo sul do país, ao Paraguai e à Argentina.

Entre os principais produtos do município estão a soja (anualmente, 2 milhões de toneladas), milho (600 mil toneladas), trigo, arroz, algodão e feijão. A produção de aves, suínos e bovinos também é expressiva. O setor industrial responde por 16% das receitas geradas, comércio e serviços por 77%, e o restante provém da agropecuária. Os frigoríficos da microrregião de Cascavel abatem mais de 1,5 milhão de aves por dia.

No município existe a Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico de Cascavel, importante complexo para pesquisa e difusão de novas tecnologias na produção de alimentos, informática e comunicação. Há cerca de 30 agências bancárias, 4 jornais diários, 7 emissoras de rádio, 2 de televisão aberta e 5 de televisão a cabo. A cidade abriga também um dos principais pólos de ensino superior do Paraná, com 8 instituições em funcionamento, sendo 1 pública e 7 particulares, com um total de 80 cursos, freqüentados por aproximadamente 15 mil alunos.

A escolha dessa cidade para a presente pesquisa assenta-se, fundamentalmente, em dois fatores não mutuamente excludentes: trata-se da segunda maior aglomeração urbana do oeste do Paraná e a dinâmica de seu desenvolvimento permite a caracterização geral de diversas classes econômicas, de ricos ou pobres (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)/IBGE/Unicamp/IE/Nesur/Ipardes, 2000).

Será utilizado o sistema de amostragem aleatória para definir quantas pessoas devem ser entrevistadas e assim obter o resultado mais preciso possível. A extensão da amostra será feita através da seguinte fórmula:

$$n' = (z/e)^2 p(1-p)$$

$$\text{Logo } n = n' / [1 + (n' - 1) / M]$$

Sendo: e = erro (0,05); z = está relacionado ao coeficiente de 95% de confiança (1,96); p = informação *a priori* sobre característica da população²; e N = tamanho da população.

Essa fórmula foi extraída de Botter *et al.* (1996).

Diante do exposto, o número de pessoas para responder ao questionário, dentro das especificações ora explicitadas, é de 70 pessoas. A estatística descritiva, baseada nas frequências/ocorrências, constitui a base analítica dos dados. Admite-se que modelos matemáticos e estatísticos empregados para a quantificação de questões comportamentais ou existenciais são fundamentais para: 1) simplificar fenômenos complexos que de outra forma seriam avaliados apenas em termos especulativos, tornando as demonstrações impossíveis ou arbitrárias; 2) estimar parâmetros estruturais que reflitam uma medida razoável de comportamentos, desejos e tendências que sirvam de subsídios para que, no caso do tema em questão, sejam implementados e supostamente propiciem, através de políticas econômicas e sociais, meios para atingir aquilo que se denominaria felicidade pela óptica econômica.

Desse modo, enfatiza-se a importância de fatos objetivos passíveis de observação, tendo como base a técnica de interrogação em que o pesquisado não tem acesso aos itens do questionário, mas somente às perguntas. Ou seja, as respostas pressupõem a reflexão – não induzida – que cada um faz da própria história.

4. Resultados e discussão

Conforme apregoa o item procedimento metodológico, o questionário teve sua aplicação na cidade de Cascavel (PR), durante o mês de outubro de 2003. De acordo com informações cedidas pelo Escritório Regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no lo-

² Se o objetivo deste estudo é avaliar a relação de felicidade com o dinheiro (renda e/ou bens) entre o universo de respondentes de Cascavel (PR) – 176.000 pessoas, que correspondem ao número de eleitores do município –, presume-se que 4,8% do total não tenha idéia dessa relação e, por conseguinte, não esteja apto a responder ao questionário, enquanto 95,2% estão aptos a respondê-lo. Segundo GIL (2000), com base na argumentação psicanalítica, sempre há pessoas que não são capazes de falar adequadamente acerca de suas atitudes, crenças ou expectativas.

cal escolhido para aplicação do questionário deve estar representado, o mais próximo possível, o universo pesquisado. Nesse sentido, o local onde ocorreu a obtenção de dados foi o “Calçadão” da Avenida Brasil, lugar (central) considerado ideal em Cascavel para pesquisas de opinião pública por congregar o universo de pessoas dos mais variados perfis/características (de sexo, idade, religião, nível de escolaridade, estado civil, se está empregado ou não, nível de renda pessoal etc.). Novamente o contato direto do pesquisador com o objeto de estudo (foi este que aplicou o questionário) possibilitou obter não só os dados inerentes à aplicação do questionário mas também o *feeling* do entrevistado.

Como corolário, apresenta-se inicialmente a Tabela 1, que evidencia a caracterização geral da amostra obtida. Pode-se notar que a amostragem pesquisada é, em linhas gerais, composta de: 58,6% de pessoas do sexo feminino e 41,4% do sexo masculino; a faixa etária predominante está abaixo de 28 anos; a maioria é católica; o nível de escolaridade majoritário situa-se entre o ensino médio incompleto e superior incompleto; os solteiros são em maior número, seguidos pelos casados; 71,4% dos entrevistados estão empregados; e o nível de renda pessoal, embora variado, mostra maior concentração para as faixas abaixo de três salários mínimos (SM). Tal realidade retrata, segundo informações colhidas do IBGE, um perfil representativo do que de fato existe na população cascavelense. Desse modo, pode-se dizer que a amostra pesquisada é típica do universo composto pelo município de Cascavel (PR).

Tabela 1
Caracterização geral da amostra pesquisada em
Cascavel (PR) – outubro de 2003

Item	Caracterização	Número absoluto de pessoas pesquisadas	Percentual das pessoas pesquisadas em relação ao total
Sexo	Masculino	29	41,4
	Feminino	41	58,6

Fonte: dados da pesquisa.

* Mesmo não estando empregado, o pesquisado foi questionado se possuía outras fontes de renda. As respostas foram as seguintes: 16 realizam atividades ditas informais (“bicos”: 6 pessoas) ou contam com a ajuda da família (“mesadas”, donativos etc.: 10 pessoas) – na faixa de até 1 SM; 2 vivem de renda (mas não estão aposentados) – faixa de + de 3 a 6 SM e + de 12 SM; e os outros 2 estão aposentados – faixa de 1 a 3 SM e + de 9 a 12 SM.

**Caracterização geral da amostra pesquisada em
Cascavel (PR) – outubro de 2003**

Item	Caracterização	Número absoluto de pessoas pesquisadas	Percentual das pessoas pesquisadas em relação ao total
Faixa etária	+ de 18 anos	13	18,6
	19 a 23 anos	20	28,6
	24 a 28 anos	14	20,0
	29 a 33 anos	1	1,4
	34 a 38 anos	5	7,1
	39 a 43 anos	8	11,4
	44 a 48 anos	2	2,9
	+ de 48 anos	7	10,0
Religião	Católica	57	81,4
	Evangélica	8	11,4
	Sem religião	5	7,1
Nível de escolaridade	Ensino fundamental incompleto	7	10
	Ensino fundamental completo	4	5,7
	Ensino médio incompleto	10	14,3
	Ensino médio completo	26	37,1
	Ensino superior incompleto	15	21,4
	Ensino superior completo	8	11,4
Estado civil	Solteiro(a)	36	51,4
	Divorciado(a)	5	7,1
	Casado(a)	27	38,6
	Amasiado(a)/em concubinato	2	2,9

Fonte: dados da pesquisa.

* Mesmo não estando empregado, o pesquisado foi questionado se possuía outras fontes de renda. As respostas foram as seguintes: 16 realizam atividades ditas informais (“bicos”: 6 pessoas) ou contam com a ajuda da família (“mesadas”, donativos etc.: 10 pessoas) – na faixa de até 1 SM; 2 vivem de renda (mas não estão aposentados) – faixa de + de 3 a 6 SM e + de 12 SM; e os outros 2 estão aposentados – faixa de 1 a 3 SM e + de 9 a 12 SM.

Caracterização geral da amostra pesquisada em Cascavel (PR) – outubro de 2003

Item	Número absoluto Caracterização	Percentual das de pessoas pesquisadas	pessoas pesquisadas em relação ao total
Está empregado atualmente?	Sim	50	71,4
	Não*	20	28,6
Nível de renda pessoal	Menos de 1 salário mínimo (SM)	18	25,7
	1 a 3 SM	29	41,4
	> 3 a 6 SM	15	21,4
	> 6 a 9 SM	5	7,1
	> 9 a 12 SM	2	2,9
	> 12 SM	1	1,4

Fonte: dados da pesquisa.

* Mesmo não estando empregado, o pesquisado foi questionado se possuía outras fontes de renda. As respostas foram as seguintes: 16 realizam atividades ditas informais (“bicos”: 6 pessoas) ou contam com a ajuda da família (“mesadas”, donativos etc.: 10 pessoas) – na faixa de até 1 SM; 2 vivem de renda (mas não estão aposentados) – faixa de + de 3 a 6 SM e + de 12 SM; e os outros 2 estão aposentados – faixa de 1 a 3 SM e + de 9 a 12 SM.

Ao analisar os três maiores aspectos caracterizadores de felicidade, em ordem de importância, os pesquisados mostraram, de maneira geral, um quadro bem disperso, conforme pode ser observado na Tabela 2. Somente nas nove primeiras linhas dessa Tabela é que se verifica a repetição na ocorrência dos aspectos determinantes para a felicidade pessoal. Por exemplo, o item saúde, família e amizade/relacionamento, nesta ordem, foi apontado por 6 pessoas diferentes, significando 8,6% do total de ocorrências/freqüências. A partir da 10ª linha as opções de respostas são, quanto à ordem de importância e repetição, singulares/únicas. Isso denota multiplicidade de combinações para a felicidade do ser humano.

Tabela 2
Os três maiores aspectos caracterizadores de felicidade, em ordem de importância, segundo pesquisados em Cascavel (PR) – outubro de 2003

Aspectos caracterizadores de felicidade, em ordem de importância	%
Saúde – Família – Amizade/relacionamento	8,6
Saúde – Família – Paz/tranquilidade	7,1
Família – Saúde – Paz/tranquilidade	5,7
Saúde – Família – Realização profissional/emprego	5,7
Saúde – Família – Dinheiro/renda/bens	4,3
Saúde – Dinheiro/renda/bens – Família	4,3
Paz/tranquilidade – Saúde – Dinheiro/renda/bens	2,9
Saúde – Realização profissional/emprego – Família	2,9
Saúde – Outros valores pessoais (segurança) – Realização profissional/emprego	2,9
Amizade/relacionamento – Família – Realização no amor	1,4
Dinheiro/renda/bens – Outros valores pessoais (equilíbrio emocional) – Realização profissional/emprego	1,4
Dinheiro/renda/bens – Realização no amor – Saúde	1,4
Dinheiro/renda/bens – Realização profissional/emprego – Realização no amor	1,4
Família – Amizade/relacionamento – Saúde	1,4
Família – Dinheiro/renda/bens – Amizade/relacionamento	1,4
Família – Outros valores pessoais (educação) – Realização no amor	1,4
Família – Paz/tranquilidade – Realização no amor	1,4
Família – Realização no amor – Saúde	1,4
Família – Realização profissional/emprego – Dinheiro/renda/bens	1,4
Família – Realização profissional/emprego – Saúde	1,4
Família – Saúde – Realização no amor	1,4
Família – Saúde – Realização profissional/emprego	1,4
Família – Valores religiosos (Deus, fé...) – Realização profissional/emprego	1,4

Fonte: dados da pesquisa.

Os três maiores aspectos caracterizadores de felicidade, em ordem de importância, segundo pesquisados em Cascavel (PR) – outubro de 2003

Paz/tranquilidade – Outros valores pessoais (direito de viver) – Outros valores pessoais (liberdade)	1,4
Realização no amor – Dinheiro/renda/bens – Realização profissional/emprego	1,4
Realização no amor – Outros valores pessoais (honestidade) – Realização profissional/emprego	1,4
Realização no amor – Realização profissional/emprego – Amizade/relacionamento	1,4
Realização no amor – Saúde – Realização profissional/emprego	1,4
Realização profissional/emprego – Família – Valores culturais (lazer)	1,4
Realização profissional/emprego – Outros valores pessoais (educação) – Dinheiro/renda/bens	1,4
Realização profissional/emprego – Realização no amor – Família	1,4
Realização profissional/emprego – Saúde – Família	1,4
Realização profissional/emprego – Saúde – Outros valores pessoais (educação)	1,4
Realização profissional/emprego – Saúde – Sexualidade	1,4
Saúde – Amizade/relacionamento – Família	1,4
Saúde – Amizade/relacionamento – Realização no amor	1,4
Saúde – Dinheiro/renda/bens – Realização no amor	1,4
Saúde – Outros valores pessoais (educação) – Dinheiro/renda/bens	1,4
Saúde – Outros valores pessoais (felicidade/alegria) – Amizade/relacionamento	1,4
Saúde – Outros valores pessoais (segurança) – Paz/tranquilidade	1,4
Saúde – Paz/tranquilidade – Dinheiro/renda/bens	1,4
Saúde – Realização no amor – Família	1,4
Saúde – Realização no amor – Realização profissional/emprego	1,4
Saúde – Realização profissional/emprego – Dinheiro/renda/bens	1,4
Saúde – Realização profissional/emprego – Outros valores pessoais (segurança)	1,4
Saúde – Valores religiosos (Deus, fé) – Realização no amor	1,4
Valores religiosos (Deus, fé...) – Família – Outros valores pessoais (felicidade/alegria)	1,4
Valores religiosos (Deus, fé...) – Família – Saúde	1,4

Fonte: dados da pesquisa.

Contudo, ao verificar os aspectos caracterizadores de felicidade que mais ocorreram (Tabela 3), nota-se que a saúde foi o destaque maior, com 54 aparições, seja como primeira opção (37 vezes), seja como segunda (12 vezes) ou terceira opção (5 vezes). Na seqüência aparecem, com proeminência, os itens família (45 vezes), realização profissional/emprego (27 vezes), dinheiro/renda/bens (19 vezes), realização no amor (17 vezes), paz/tranqüilidade (15 vezes), outros valores pessoais (14 vezes) e amizade/relacionamento (13 vezes).

Tabela 3
Os aspectos caracterizadores de felicidade que mais ocorreram, segundo pesquisados em Cascavel (PR) – outubro de 2003

Aspectos caracterizadores para a felicidade	1ª opção (vezes em que apareceu)	2ª opção (vezes em que apareceu)	3ª opção (vezes em que apareceu)	Total de vezes em que apareceu*
Saúde	37	12	5	54
Família	14	22	9	45
Realização profissional/emprego	6	8	13	27
Dinheiro/renda/bens	3	6	10	19
Realização no amor	4	5	8	17
Paz/tranqüilidade	3	2	10	15
Outros valores pessoais (educação, segurança...)	0	10	4	14
Amizade/relacionamento	1	3	9	13
Outras ocorrências (valores religiosos...)	2	2	0	4
Sexualidade	0	0	1	1
Valores culturais (lazer)	0	0	1	1

Fonte: dados da pesquisa.

* A ordenação dos aspectos caracterizadores de felicidade segue a subjetividade do total de ocorrências.

A partir dos resultados da Tabela 3 pode-se inferir, em linhas gerais, o que foi retratado na revisão de literatura, ou seja, os itens saúde e família são importantes elementos caracterizadores da felicidade do ser humano. Vale lembrar, por exemplo, que para Tales, na Grécia antiga, os elementos que constituíam a felicidade eram a saúde, o êxito na vida e o sucesso da formação individual (Abbagnano, 1970). Por outro lado, em Sabetan (2003) constata-se que os fatores que contribuem para a felicidade, considerados em ordem de importância, foram economia, saúde, família, valores pessoais e condição do mundo, valores sociais e assuntos políticos. Neste trabalho houve algumas modificações com relação a essa hierarquização, com destaque para a inversão de ordem de importância em que saúde e família assumem as primeiras posições.

Não obstante, há um ponto que merece ponderações e diz respeito ao número de ocorrências do terceiro item – realização profissional/emprego. Nesse item está implícita a questão econômica, pois, conforme constatado no ato da aplicação do questionário, aquele que se diz realizado profissionalmente com seu emprego está, *a fortiori*, satisfeito também com seu nível de renda e/ou procurando solidificar sua condição socioeconômica. Portanto, tal posicionamento pode ser, em conjunto com dinheiro/renda/bens (este, de caráter mais explícito), colocado no bojo do que Sabetan (2003), no parágrafo anterior, considera como economia. Porém, mesmo com o somatório desses dois itens, a economia (realização profissional/emprego + dinheiro/renda/bens) perfaz 46 aparições, ficando ainda atrás do item saúde (54 aparições), mas ultrapassando o item família (45 aparições).

Alguns cruzamentos de dados merecem atenção especial por parte deste trabalho. São eles: que pontos caracterizadores das pessoas colocam o dinheiro/renda/bens como 1^a, 2^a ou 3^a opção³ no que se refere a felicidade; de que forma os que apresentam maior nível de renda pessoal pensam a felicidade; de igual maneira, o que

³ Como apenas 3 pessoas assinalaram dinheiro/renda/bens como primeira opção, é estatisticamente indicado analisar o total de pessoas que colocam dinheiro/renda/bens também como segunda e terceira opções, o que perfaz um total de 19 ocorrências (27,1% do total de pesquisados).

pensam aqueles que apresentam menor nível de renda pessoal, o que pensam os mais e menos instruídos, entre outros.

A Tabela 4 apresenta a caracterização geral da amostra de pessoas que indicaram dinheiro/renda/bens como 1^a, 2^a ou 3^a opção.

Tabela 4
Caracterização geral da amostra de pessoas (19) que indicaram dinheiro/renda/bens como 1^a, 2^a ou 3^a opção

Item	Caracterização	Número absoluto de pessoas pesquisadas	% das pessoas pesquisadas em relação às 19 citadas	% das pessoas pesquisadas em relação à amostra total (70 pessoas)
Sexo	Masculino	6	31,6	8,6
	Feminino	13	68,4	18,6
Faixa etária	+ de 18 anos	4	21,0	5,7
	19 a 23 anos	7	36,8	10,0
	24 a 28 anos	3	15,8	4,3
	29 a 33 anos	1	5,3	1,4
	39 a 43 anos	3	15,8	4,3
	44 a 48 anos	1	5,3	1,4
Religião	Católica	15	78,9	21,4
	Evangélica	2	10,5	2,9
	Sem religião	2	10,5	2,9
Nível de escolaridade	Ensino fundamental incompleto	4	21,0	5,7
	Ensino fundamental completo	1	5,3	1,4
	Ensino médio incompleto	4	21,0	5,7
	Ensino médio completo	4	21,0	5,7
	Ensino superior incompleto	6	31,6	8,6

Fonte: dados da pesquisa.

Caracterização geral da amostra de pessoas (19) que indicaram dinheiro/renda/bens como 1^a, 2^a ou 3^a opção

Item	Caracterização	Número absoluto de pessoas pesquisadas	% das pessoas pesquisadas em relação às 19 citadas	% das pessoas pesquisadas em relação à amostra total (70 pessoas)
Estado civil	Solteiro(a)	8	42,1	11,4
	Divorciado(a)	2	10,5	2,9
	Casado(a)	7	36,8	10,0
	Amasiado(a)/ em concubinato	2	10,5	2,9
Está empregado atualmente?	Sim	14	73,7	20,0
	Não	5	26,3	7,1
Nível de renda pessoal	Menos de 1 salário mínimo (SM)	6	31,6	8,6
	1 a 3 SM	11	57,9	15,7
	> 3 a 6 SM	2	10,5	2,9

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme pode ser visto na Tabela 4, as pessoas que indicaram dinheiro/renda/bens como 1^a, 2^a ou 3^a opção estão relativizadas com os próprios 19 respondentes e com respeito à amostra total, o que melhora a noção de proporcionalidade desses indicadores (respectivamente, 4^a e 5^a colunas). Assim, pode-se dizer que essas pessoas são, de modo geral, majoritariamente do sexo feminino, católicas e de faixa etária considerada jovem (a maioria está abaixo dos 28 anos), o nível educacional se concentra numa faixa que compreende o ensino médio incompleto ao superior incompleto, os solteiros e casados são os estados civis predominantes, a maioria está empregada e possui nível de renda pessoal de até 3 SM, com apenas 2 casos na faixa acima de 3 a 6 SM.

Essa caracterização geral das pessoas que indicaram dinheiro/renda/bens como 1^a, 2^a ou 3^a opção evidencia uma mescla de momento de definição profissional, de descobertas e dependência financeira para uns (sobretudo para os 5 desempregados), enquanto para outros representa um momento de afirmação pessoal, emocional e profissional e de conquista da melhoria do padrão de vida.⁴ Tais pontos contribuem para validar o que se constata em *A felicidade pode ser comprada* (2003), ou seja, a correlação entre felicidade e dinheiro/renda/bens é forte quando a faixa de renda é considerada baixa. E, de acordo com Pastore (2001), poder comprar o que se necessita deixa essas pessoas (com nível de renda abaixo da média) nitidamente felizes, e isso perpassa por ter dinheiro/renda/bens. Ao mesmo tempo tais dados contrapõem, em termos, o que Shinyashiki (1998, p. 1) generalizou: “*Quando se é jovem, sonha-se em construir uma carreira que ajude as pessoas e transforme a vida e o mundo. Porém, quando se chega aos 40 anos, tudo o que se quer é ganhar dinheiro e pagar as contas no final do mês*” (grifo nosso).

Nesse contexto, é interessante observar que as 8 pessoas que assinalaram o nível de renda pessoal maior que 6 SM até mais de 12 SM, não apontaram, em nenhum momento, dinheiro/renda/bens como quesito para sua felicidade. Esses pesquisados elencaram, principalmente, os itens saúde, família, paz/tranqüilidade, realização profissional/emprego (empatada com amizade/relacionamento) e, por fim, outras ocorrências (Tabela 5).

⁴ Segundo estudos de psicologia científica compilados por Cervejaria Colônia [199?], os tipos psicológicos dos indivíduos, em função da faixa etária e do respectivo momento pessoal, podem ser assim classificados: entre 18 e 24 anos – definição de momento profissional, momento de descobertas, dependência financeira da família; entre 25 a 35 anos – afirmação pessoal, emocional e profissional, conquistar melhoria do padrão de vida; entre 36 e 55 anos – consolidação de conquistas, aceitação de mudanças e aprendizagem como forma de desfrutar a maturidade, vivenciar período de estabilidade.

Tabela 5
Caracterização geral da amostra de pessoas (8) que apresentam mais de 6 salários mínimos como nível de renda pessoal

Item	Caracterização	Número absoluto de pessoas pesquisadas	% das pessoas pesquisadas em relação às 8 citadas	% das pessoas pesquisadas em relação à amostra total (70 pessoas)
Sexo	Masculino	6	75	8,6
	Feminino	2	25	2,9
	19 a 23 anos	1	12,5	1,4
	24 a 28 anos	2	25	2,9
	34 a 38 anos	1	12,5	1,4
	39 a 43 anos	1	12,5	1,4
	44 a 48 anos	1	12,5	1,4
	+ de 48 anos	2	25	2,9
Religião	Católica	8	100	11,4
Nível de escolaridade	Ensino médio completo	3	37,5	4,3
	Ensino superior completo	5	62,5	7,1]
Estado civil	Solteiro(a)	3	37,5	4,3
	Casado(a)	5	62,5	7,1
Está empregado atualmente?	Sim	6	75	8,6
	Não	2	25	2,9
Aspectos caracterizadores de felicidade apontados pelos 8 pesquisados				
Itens	1ª opção (vezes em que apareceu)	2ª opção (vezes em que apareceu)	3ª opção (vezes em que apareceu)	Total de vezes em que apareceu
Saúde	6	2	0	8
Família	2	3	2	7

Fonte: dados da pesquisa.

Caracterização geral da amostra de pessoas (8) que apresentam mais de 6 salários mínimos como nível de renda pessoal

Aspectos caracterizadores de felicidade apontados pelos 8 pesquisados				
Itens	1ª opção (vezes em que apareceu)	2ª opção (vezes em que apareceu)	3ª opção (vezes em que apareceu)	Total de vezes em que apareceu
Paz/ tranquilidade	0	0	4	4
Realização profissional/ emprego	0	1	1	2
Amizade/ relacionamento	0	1	1	2
Outras ocorrências (segurança)	0	1	0	1

Fonte: dados da pesquisa.

A caracterização dessas pessoas que dizem apresentar maiores níveis de renda pessoal (esses 8 respondentes significam 11,4% do total) de modo geral evidencia que a maioria é do sexo masculino (apenas 25% desses pesquisados são do sexo feminino), a faixa etária é variada, todos são católicos, o nível educacional é elevado (ensino médio completo ou superior completo), os casados são em maior número, a maioria está empregada, a não ser 2 pessoas que, embora não estejam empregadas, vivem de renda pessoal ou estão aposentadas.

Aqui cabe menção ao que Abbagnano (1970) citou, ou seja, os bens externos têm certo limite dentro do qual cumprem sua função de ser úteis. Após isso se tornam inúteis para quem os possui. Já os bens espirituais, quanto mais abundantes, mais úteis.

A Tabela 6 apresenta a caracterização geral da amostra de pessoas que apresentam menos de 1 salário mínimo como nível de renda pessoal.

Tabela 6
Caracterização geral da amostra de pessoas (18) que apresentam menos de 1 salário mínimo como nível de renda pessoal

Item	Caracterização	Número absoluto de pessoas pesquisadas	% das pessoas pesquisadas em relação às 18 citadas	% das pessoas pesquisadas em relação à amostra total (70 pessoas)
Sexo	Masculino	1	5,6	1,4
	Feminino	17	94,4	24,3
Faixa etária	+ de 18 anos	5	27,8	7,1
	19 a 23 anos	6	33,3	8,6
	24 a 28 anos	5	27,8	7,1
	29 a 33 anos	1	5,6	1,4
	39 a 43 anos	1	5,6	1,4
Religião	Católica	16	88,9	22,9
	Evangélica	1	5,6	1,4
	Sem religião	1	5,6	1,4
Nível de escolaridade	Ensino fundamental incompleto	2	11,1	2,9
	Ensino médio incompleto	5	27,8	7,1
	Ensino médio completo	4	22,2	5,7
	Ensino superior incompleto	7	38,9	10,0
Estado civil	Solteiro(a)	11	61,1	15,7
	Casado(a)	7	38,9	10,0

Fonte: dados da pesquisa.

* A ordenação na Tabela 6 segue, assim como as outras, a subjetividade do total de ocorrências; apenas em se tratando de empate dessa coluna é que se adotou o critério de classificação do tipo "olímpica". É o caso dos itens saúde e família, ambos mencionados 13 vezes, porém o item saúde supera família por ter mais ocorrências como 1ª opção.

Caracterização geral da amostra de pessoas (18) que apresentam menos de 1 salário mínimo como nível de renda pessoal

Está empregado atualmente?	Sim	3	16,7	4,3
	Não	15	83,3	21,4
Aspectos caracterizadores de felicidade apontados pelos 18 pesquisados				
Itens	1ª opção (vezes em que apareceu)	2ª opção (vezes em que apareceu)	3ª opção (vezes em que apareceu)	Total de vezes em que apareceu*
Saúde	11	1	1	13
Família	4	9	0	13
Realização no amor	1	2	3	6
Realização profissional/emprego	1	1	4	6
Dinheiro/renda/bens	0	1	5	6
Paz/tranquilidade	1	2	2	5
Outras ocorrências	0	2	1	3
Amizade/relacionamento	0	0	2	2

Fonte: dados da pesquisa.

* A ordenação na Tabela 6 segue, assim como as outras, a subjetividade do total de ocorrências; apenas em se tratando de empate dessa coluna é que se adotou o critério de classificação do tipo “olímpica”. É o caso dos itens saúde e família, ambos mencionados 13 vezes, porém o item saúde supera família por ter mais ocorrências como 1ª opção.

A amostra de pessoas (25,7% do total pesquisado) que apresentam como nível de renda pessoal menos de 1 SM (Tabela 6) corrobora, no geral, o que foi evidenciado pelos indicadores já expostos, exceção feita para dois importantes fenômenos: a mulher apresenta, proporcionalmente ao homem, maior número de casos que assinalam 1 SM como nível de renda pessoal (vale destacar, ainda, que no cotejo anterior – para aqueles com mais de 6 salários mínimos como nível de renda pessoal – os homens são predominantes); e a maioria das 18 pessoas pesquisadas (83,3%) está desempregada, realizando, de uma forma ou de outra, atividades ditas informais (“bicos”), e/ou conta com a ajuda da família – na faixa de até 1 SM – para sobreviver.

Pelos dados da Tabela 6, constata-se que os principais aspectos caracterizadores de felicidade apontados pelas pessoas que apresentam menos de 1 salário mínimo como nível de renda pessoal, na ordem, são: saúde, família, realização no amor (fator muito correlacionado com o sexo feminino – das pessoas que indicaram esse item como fator de felicidade, 70,1% são mulheres), realização profissional/emprego, dinheiro/renda/bens e paz/tranquilidade. Novamente, considerando-se o conjunto dinheiro/renda/bens com realização profissional/emprego, verificam-se 12 ocorrências, o que coloca a economia como o terceiro item na ordem de importância no alcance de felicidade para esses pesquisados.

Entretanto, a análise de 10 pessoas, desse total de 18 que apresentam menos de 1 salário mínimo como nível de renda pessoal e que são dependentes financeiramente (ou seja, desempregados no sentido lato da palavra), mostra a economia como o item mais frequente (8 aparições), seguida dos itens saúde e família (7 ocorrências cada um). Vale aqui a máxima: “Onde os recursos são escassos, mais dinheiro dá uma expressiva contribuição à felicidade das pessoas”.

Sobre a caracterização geral da amostra de pessoas com menor e maior nível de escolaridade, pode-se dizer, em linhas gerais, que as do sexo feminino apresentam, proporcionalmente, maior nível de escolaridade *vis-à-vis* os homens. A dispersão de faixa etária é maior no caso do menor nível de escolaridade, pois no maior há concentração na faixa de até 28 anos. Vale destacar também que para a amostra de nível mais elevado de escolaridade o desemprego é maior (34,8% contra 27,3%), embora o leque salarial seja mais amplo do que o de menor nível de escolaridade (este último vai somente até 6 SM).

Mais uma vez se constatam os itens saúde e família, nessa ordem, como os dois principais determinantes de felicidade. Para o menor nível de escolaridade, os outros destaques para felicidade pessoal foram, nessa ordem: dinheiro/renda/bens, realização profissional/emprego e paz/tranquilidade. Para o maior nível de escolaridade, os outros destaques para felicidade foram, nessa ordem: realização profissional/emprego, paz/tranquilidade e outras ocorrências (com realce para o próprio nível de educação atingido e segurança). Dessa forma, pode-se asseverar que uma pessoa com maior nível de escolaridade hierarquiza menos aspectos econômicos

como caracterizadores da felicidade, em comparação com aquela de menor nível de escolaridade (18,8% das frequências contra 24,2%).

A Tabela 7 sintetiza alguns pontos levantados até então pelo presente estudo.

Tabela 7

Excluindo-se os itens saúde e família, os 3 principais aspectos caracterizadores de felicidade apontados pelos pesquisados com maior e menor nível de renda pessoal, maior e menor nível de escolaridade – com agregação dos itens dinheiro/renda/bens e realização profissional/emprego em economia, para onde isso foi possível

Excluindo-se os itens saúde e família, os 3 principais aspectos caracterizadores de felicidade apontados pelos 8 pesquisados que apresentam mais de 6 salários mínimos como nível de renda pessoal				
Itens	1ª opção (vezes em que apareceu)	2ª opção (vezes em que apareceu)	3ª opção (vezes em que apareceu)	Total de vezes em que apareceu
Paz/tranquilidade	0	0	4	4
Realização profissional/emprego (subitem da economia)	0	1	1	2
Amizade/relacionamento	0	1	1	2
Excluindo-se os itens saúde e família, os 3 principais aspectos caracterizadores de felicidade apontados pelos 18 pesquisados que apresentam menos de 1 salário mínimo como nível de renda pessoal				
Itens	1ª opção (vezes em que apareceu)	2ª opção (vezes em que apareceu)	3ª opção (vezes em que apareceu)	Total de vezes em que apareceu
Economia	1	2	9	12
Realização no amor	1	2	3	6
Paz/tranquilidade	1	2	2	5
Excluindo-se os itens saúde e família, os 3 principais aspectos caracterizadores de felicidade apontados pelos 11 pesquisados com menor nível de escolaridade				

Fonte: dados da pesquisa.

Excluindo-se os itens saúde e família, os 3 principais aspectos caracterizadores de felicidade apontados pelos pesquisados com maior e menor nível de renda pessoal, maior e menor nível de escolaridade – com agregação dos itens dinheiro/renda/bens e realização profissional/emprego em economia, para onde isso foi possível

Itens	1ª opção (vezes em que apareceu)	2ª opção (vezes em que apareceu)	3ª opção (vezes em que apareceu)	Total de vezes em que apareceu
Economia	1	4	3	8
Paz/tranquilidade	2	0	1	3
Outras ocorrências	0	1	1	2

Excluindo-se os itens saúde e família, os 3 principais aspectos caracterizadores de felicidade apontados pelos 23 pesquisados com maior nível de escolaridade

Itens	1ª opção (vezes em que apareceu)	2ª opção (vezes em que apareceu)	3ª opção (vezes em que apareceu)	Total de vezes em que apareceu
Economia	2	3	8	13
Paz/tranquilidade	1	1	6	8
Outras ocorrências	1	4	1	6

Fonte: dados da pesquisa.

A questão que emerge da Tabela 7 é a seguinte: excluindo-se os itens saúde e família, que se repetem, nessa ordem, com o maior número de ocorrências para todos os casos até aqui estudados, e agregando-se os itens dinheiro/renda/bens e realização profissional/emprego no item economia (para onde isso foi possível), quais os 3 principais aspectos caracterizadores de felicidade apontados pelos pesquisados com maior e menor nível de renda pessoal, maior e menor nível de escolaridade?⁵

⁵ Outra comparação plausível de observação é a análise dos evangélicos e católicos separadamente. No entanto, os três principais aspectos caracterizadores de felicidade para essas pessoas, em separado, foram coincidentes no nível de hierarquização, que é saúde, economia e família, o que confirma a generalização mencionada anteriormente.

Diante da nova especificação exposta na Tabela 7, constata-se que para os pesquisados que apresentam mais de 6 salários mínimos como nível de renda pessoal os 3 principais aspectos caracterizadores de felicidade, excluindo-se os itens saúde e família, foram: paz/tranquilidade, realização profissional/emprego (subitem da economia) e amizade/relacionamento. Novamente vale citar a não explicitação do item dinheiro/renda/bens. Nos outros casos – menor nível de renda pessoal, maior e menor nível de escolaridade – há coincidência na primeira opção após excluídos os itens saúde e família, isto é, passa a figurar como destaque ímpar o item economia (agregação do dinheiro/renda/bens e realização profissional/emprego). A semelhança nos outros 2 aspectos caracterizadores de felicidade nesses 3 casos enfocados (menor nível de renda pessoal, maior e menor nível de escolaridade) também é notória, ou seja, os outros 2 principais aspectos caracterizadores de felicidade, excluindo-se os itens saúde e família, após a posição destacada do item economia, foram: realização no amor e paz/tranquilidade, para os de menor nível de renda pessoal; para os níveis de escolaridade, tanto alto quanto baixo, os itens realçados pela Tabela 7 foram coincidentes, figurando, nessa ordem, paz/tranquilidade e outras ocorrências. No tocante ao menor nível de escolaridade, vale ressaltar que a frequência do item economia (8 vezes) é a única que ultrapassa o item família (6 vezes), confirmando que uma pessoa com menor nível de escolaridade hierarquiza menos aspectos econômicos como caracterizadores da felicidade em comparação com aquela de maior nível de escolaridade.

Dessa forma, a relação de felicidade com a economia (agregação dos itens dinheiro/renda/bens e realização profissional/emprego) ou, mais especificamente, o dilema sobre até que ponto a melhoria das condições materiais significa (mais) felicidade é mais dicotômico quando se considera o nível de renda das pessoas e não seu nível de escolaridade.

Constata-se, a partir dessa inferência, a forte incidência da especificação economia como caracterizadora de felicidade, após os itens saúde e família, para qualquer nível de escolaridade e, principalmente, para aqueles de menor nível de renda pessoal (comparativamente àqueles de maior nível de renda pessoal). Quando a renda pessoal se torna ser elevada, outros aspectos são expostos como

caracterizadores da felicidade humana, e o item dinheiro/renda/bens (de caráter mais explícito) passa a não ser lembrado. Não obstante, novos valores ganham importância diante dessa situação, como é o caso de paz/tranquilidade, realização profissional/emprego (subitem da economia) e amizade/relacionamento.

Conforme observado, a posição que a economia (agregação dos itens dinheiro/renda/bens e realização profissional/emprego) ocupa na hierarquia da felicidade pessoal é maior quando se considera o baixo nível de renda das pessoas e os 2 níveis de escolaridade. Contudo, para aqueles que possuem alto ou baixo nível de escolaridade, a especificação economia, na hierarquia da felicidade, significa, respectivamente, construção do momento profissional e afirmação desse momento.

Essas colocações novamente corroboram o que foi mencionado em partes anteriores deste trabalho. Por exemplo, Oswald (1997), citado por Pastore (2001), ressalta que no caso de o indivíduo possuir altas rendas o dinheiro perde o poder de fazer as pessoas felizes (entre os ricos, com frequência os problemas familiares estão no centro de sua infelicidade – vide a especificação amizade/relacionamento realçada – e não podem ser atribuídos à falta de renda); no outro extremo, onde os recursos são escassos e os laços familiares e sociais fortes, mais dinheiro dá uma expressiva contribuição à felicidade das pessoas. Nessa óptica, menção importante deve ser feita a Luquet (2002), que salienta que o dinheiro não traz felicidade, mas, por outro lado, a falta de dinheiro, num grau intenso, prejudica em muito a condição de as pessoas serem mais felizes.

Vale lembrar que para Gardner & Oswald (2001), embora a felicidade seja positivamente correlacionada com o aumento da renda (nesse caso, diante de sortes inesperadas, como ganhar na loteria ou receber uma herança), não há razão para acreditar que mais dinheiro traga necessariamente mais bem-estar.

Quando se perguntou se as necessidades básicas pessoais como saúde, alimentação, lazer etc. estão sendo atendidas com o nível de renda do pesquisado, cerca de 49 pessoas (70%) responderam que sim, enquanto 21 (30%) disseram que não. Desses 21 respondentes, 5 (o que significa 7,1% do total da amostra pesquisada) estão desempregados e passando por sérias dificuldades, pois nem mesmo a ren-

da de sua família tem sido suficiente para atender a suas necessidades básicas e/ou de seus familiares – os outros 15 desempregados (são 20 ao todo) ainda têm suas necessidades básicas assistidas com o apoio do nível de renda familiar. As outras 16 pessoas – que acusaram que suas necessidades básicas pessoais não estão sendo atendidas com o nível de renda que possuem – estão empregadas e apresentam o seguinte perfil: têm nível de renda pessoal de menos de 1 SM (13,3% desses 16), de 1 a 3 SM (53,3%) e mais de 3 a 6 SM (33,3%). Além disso, incorporam nos 3 elementos caracterizadores de sua felicidade o item dinheiro/renda/bens ou realização profissional/emprego em pelo menos um dos casos (isso para 68,8% desses 16 pesquisados).

Conforme exposto no início deste estudo, em *Os segredos da felicidade* (2003), os economistas buscam entender a relação da melhoria das condições materiais e o fato de ser feliz, sendo a ambição uma característica humana, conquanto a felicidade, de uma forma ou de outra, pode ser medida não somente pelo que se tem mas também pelo que o vizinho tem.

Diante dessa contextualização, foram feitas 3 perguntas para examinar a idéia de felicidade relativa. Por exemplo, em caso de aumento da renda do pesquisado, mantidas as outras coisas constantes (*coeteris paribus* – as pessoas ao seu redor permanecem com a mesma renda), 42,8% ficariam felizes e 57,2% não ficariam felizes diante dessa hipótese.

Quando a pergunta foi de natureza extrema, ou seja, se o pesquisado ganhasse na Mega-Sena sozinho (a mesma idéia da questão anterior, apenas obnubilada pelo fator sorte), 84,3% se mostrariam felizes e apenas 15,7% não se mostrariam felizes. Entretanto, a maioria das pessoas questionadas disse que, nesse caso (ganhar na Mega-Sena sozinho), poderia ajudar seus parentes e amigos, pois o dinheiro ganho na loteria citada seria enorme.

Diante da hipótese de aumentar consideravelmente a renda do vizinho/parente/amigo, *coeteris paribus*, ou seja, caso a renda do pesquisado permanecesse constante, 62,9% dos respondentes se sentiriam felizes por essa ocorrência, enquanto 20% ficariam indiferentes, 10% demonstrariam tristeza e 7,1% procurariam aumentar sua renda também. Isso posto, pode-se dizer que há evidências de

felicidade medida não somente pelo que se possui mas também pelo que o vizinho tem.

Por fim, a clássica pergunta “você é uma pessoa feliz” mostrou-se positiva para a maioria dos respondentes (97,1%) e apenas 2 deles se disseram infelizes (2,9%). Dos felizes, as respostas foram as mais variadas possíveis e corroboram alguns pontos citados na revisão de literatura: há saúde, família, realização profissional/emprego, dinheiro/renda/bens, realização no amor, paz/tranquilidade, amizade/re-lacionamento, entre outros aspectos já observados na Tabela 2. Os que se disseram infelizes apontaram as seguintes justificativas: um deles estava se separando da esposa e o outro alegava a falta do pai.

Considerações finais

Este trabalho objetivou, por meio de um estudo de caso, avaliar a relação da felicidade com o dinheiro (renda e/ou bens), por meio da aplicação de questionário na cidade de Cascavel (PR).

Temos consciência de que um trabalho dessa natureza é reducionista, portanto, possui limitações intrínsecas. Mas, por outro lado, lembramo-nos das oportunas palavras de *sir* Peter Brian Medawar, quando diz: **“A análise redutiva é o estratagema de investigação mais bem-sucedido que já se concebeu – tem sido o motor da ciência e da tecnologia”**. A reificação, ou seja, nossa tendência de transformar conceitos abstratos em entidades, também tem sido fundamental e, na maioria das vezes, está intimamente ligada com o reducionismo. E essa ligação é propícia para a aplicação de números às coisas ou às sensações ou, então, à produção de modelos. No entanto, já se disse que tais processos de construção científica têm de ser feitas por mentes hábeis e cuidadosas (eticamente falando), pois o preço do reducionismo e da reificação é a eterna vigilância.

Balizado por uma fundamentação teórica sobre a relação de felicidade com o dinheiro, elaborou-se um questionário que pudesse aferir vários pontos, dentre estes, quais os 3 maiores elementos caracterizadores de felicidade? Como principais resultados, pode-se dizer que os 3 maiores aspectos caracterizadores de felicidade, em ordem de importância, apresentaram-se de maneira geral bem

dispersos. Contudo, ao verificar os itens de felicidade que mais ocorreram, nota-se que a saúde foi o destaque maior, seguida dos itens família, realização profissional/emprego, dinheiro/renda/bens, realização no amor, paz/tranquilidade, outros valores pessoais e amizade/relacionamento. Quando se considerou a agregação da realização profissional/emprego com dinheiro/renda/bens, perfazendo o item economia, este ficou ainda atrás do item saúde, mas ultrapassou o da família. Outro *insight* que despontou deste estudo é que a relação de felicidade com a economia foi mais dicotômica quando se considerou o nível de renda das pessoas do que quando se levou em conta a escolaridade. Ademais, no caso de o indivíduo possuir altas rendas, o dinheiro não traz felicidade; no outro extremo, onde os recursos são escassos e os laços familiares e sociais fortes, mais dinheiro dá uma expressiva contribuição à felicidade das pessoas. Mesmo o nível de renda sendo baixo para a maioria das pessoas e elencado o item economia por 57% das pessoas pesquisadas, para ser feliz ainda são prementes os laços sinérgicos que a saúde e a família produzem, bem como os laços sociais.

Por fim, esta pesquisa tratou-se de um caso para uma amostra do município de Cascavel, valendo-se fundamentalmente de dados primários, que são poucos na área da economia e felicidade no Brasil. Outrossim, vale expor que uma das limitações do estudo de caso, mesmo rigorosamente efetivado, é sua base para generalizações (em face das limitações amostrais, há a consciência da visão unidimensional dada ao tema que se revela pertencer a uma realidade multidimensional). Dessa forma, sugere-se, como futuras extensões do presente trabalho, que mais pesquisas sejam implementadas para examinar novas contextualizações em níveis de conclusões que a amostra de pessoas pesquisadas não possibilitou realizar.

Referências bibliográficas

- A FELICIDADE pode ser comprada. Disponível em: <<http://www.cidadefutura.com.br/cepat/2002-04/p5.html>>. Acesso em: 17 jul. 2003.
- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970. 976 p.

- ARAGÃO, A. Política de comunhão, 2002. Disponível em: <<http://www.paulodetarso310.hpg.ig.com.br/artigo1.html>>. Acesso em: 05 jun. 2003.
- BALERINI, C. Grau de felicidade dos executivos brasileiros. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcs/inpuer_view.phtml?id=6059>. Acesso em: 25 ago. 2003.
- BOTTER, D. A.; PAULA, G. A.; LEITE, J. G.; CORDANI, L. K. **Noções de estatística**. São Paulo: Instituto de Matemática e Estatística-USP, 1996. 231 p.
- CAMPOMAR, M. C. Do uso do estudo de caso em pesquisas para dissertações e teses em administração. **Revista Administração de Empresas**, v. 16, p. 25-29, jul./set. 1991.
- CERVEJARIA COLÔNIA LTDA. **Manual de vendas**. Toledo: Cervejaria Colônia Ltda., [199?]. 28 p.
- CUADRADO, R. C. The paradoxes of happiness in economics. Disponível em: <http://www.dipeco.economia.unimib.it/happiness/accepted_papers/calderon.pdf>. Acesso em: 04 set. 2003.
- DAUCH, K. Felicidade eterna não existe. Disponível em: <<http://www.estado.estadao.com.br/edicao/mulher/comporta/feli.html>>. Acesso em: 14 jul. 2003.
- DINHEIRO pode 'comprar' felicidade, dizem cientistas**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/020110_dinheiroiro.shtml>. Acesso em: 17 jul. 2003.
- ECONÔMICA**. Disponível em: <<http://www.uff.br/cpgeconomia/economica.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2003.
- FELICIDADE. Disponível em: <<http://pensamentos.com.sapo.pt/felicidade.htm>>. Acesso em: 14 jul. 2003.
- FERRARI, T. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1982. 318 p.
- FIGUEIREDO, O.; HAMBURGER, P. L. **Casos de administração mercadológica: uma coletânea**. Rio de Janeiro: FGV, 1970. 141 p.
- FREY, B. S.; STUTZER, A. Happiness, economy and institutions (1999). Disponível em: <<http://cidei.eco.uniroma1.it/~ecspc/papers/frey.pdf>> Acesso em: 08/09/2003.
- GARDNER, J.; OSWALD, A. Does money buy happiness? A longitudinal study using data on windfalls (2001). Disponível em: <<http://repec.org/res2002/Gardner.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2003.
- GIANNETTI, E. **Felicidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 223 p.
- GIL, A. C. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. São Paulo: Atlas, 2000. 217 p.

- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. **Revista Administração de Empresas**, v. 35, n. 4, p. 65-71, jul./ago. 1995.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA)/IBGE/UNICAMP/IE/NESUR/IPARDES. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil**: redes urbanas regionais (Sul). vol. 6. Brasília: IPEA, 2000. 206 p.
- LABARRE, P. O preço da felicidade. Disponível em: <<http://www.tantrayoga.pro.br/boletim23.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2003.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 340 p.
- LUQUET, M. O valor da felicidade. **Valor**, 22 fev. 2002. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/noticias>>. Acesso em: 04 ago. 2003.
- MARX, K. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 496 p. (Os economistas).
- MEDAWAR, P. B.; MEDAWAR J. S. **Dicionário de biologia** – De Aristóteles a zôo. Tradução de Hilda dos Santos. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989. p. 265.
- MUNHOZ, D. G. **Economia aplicada**: técnicas de pesquisa e análise econômica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989. 300 p.
- NUNES, A. J. A. Os fisiocratas ou o início da ciência econômica. Disponível em: <<http://www.fd.uc.pt/mestrado/disciplinas/fisiocratascienciaeconomica.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2003.
- O SEGREDO da felicidade. Disponível em: <<http://www.wfera.tripod.com/respostasaoimpossivel/id41.html>>. Acesso em: 14 jul. 2003.
- OS SEGREDOS da felicidade. Disponível em: <<http://www.redeglobo.globo.com/globoreporter/abertura.php?controle=781&codprog=154>>. Acesso em: 05 jun. 2003.
- OSER, J.; BLANCHFIELD, W. C. **História do pensamento econômico**. São Paulo: Editora Atlas, 1989. 455 p.
- OSWALD, A. J. Happiness and economic performance (1997). Disponível em: <<http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/economics/staff/faculty/oswald/happecperf.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2003.
- PASTORE, J. Riqueza e felicidade (2001). Disponível em: <<http://www.josepastore.com.br/artigos/cotidiano/089.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2003.
- PINHO, D. B. Aspectos da evolução da ciência econômica. In: PINHO, D. B.; VASCONCELLOS, M. A. S. de (orgs.). **Manual de economia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 25-59.

- PREFEITURA de Cascavel. Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/principal.html>>. Acesso em: 21 jul. 2003.
- SABETAN, F. O conceito de prosperidade. Disponível em: <<http://www.rcgg.ufrgs.br/cap5.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2003.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 239 p. (Os economistas).
- SHIKIDA, P. F. A. **A dinâmica tecnológica da agroindústria canvieira do Paraná**: estudos de caso das Usinas Sabarálcool e Perobálcool. Cascavel: Edunioeste, 2001. 117 p.
- SHINYASHIKI, R. A felicidade é uma vantagem competitiva (1998). Disponível em: <<http://www.perspectivas.com.br/leitura/p4.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2003.
- SMITH, A. **A riqueza das nações**: investigação sobre a natureza e suas causas. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 479 p. (Os economistas).
- VEENHOVEN, R. The greatest happiness principle: happiness as an aim in public policy. Disponível em: <<http://www.eur.nl/fsw/research/veenhoven/Pub2000s/2003c-txt.rtf>>. Acesso em: 04 ago. 2003.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001, 205 p.